



# **INSPIRAR**

**SENSIBILIZAR E COMPARTILHAR**  
**A CONSTRUÇÃO DE SINERGIAS NAS JUVENTUDES BRASILEIRA**



# **INSPIRAR**

**SENSIBILIZAR E COMPARTILHAR**  
**A CONSTRUÇÃO DE SINERGIAS NAS JUVENTUDES BRASILEIRA**

# APRESENTAÇÃO

*Lucas Fernandes Barbosa*

Nossas Sinergias. Esse livro flui a partir de experiências constituídas em um território imaterial nutrido pelos diálogos, trocas, conflitos e, sobretudo, pela construção do protagonismo dos jovens apoiados pelas organizações de cooperação belga no Brasil: KIYO e TRIAS.

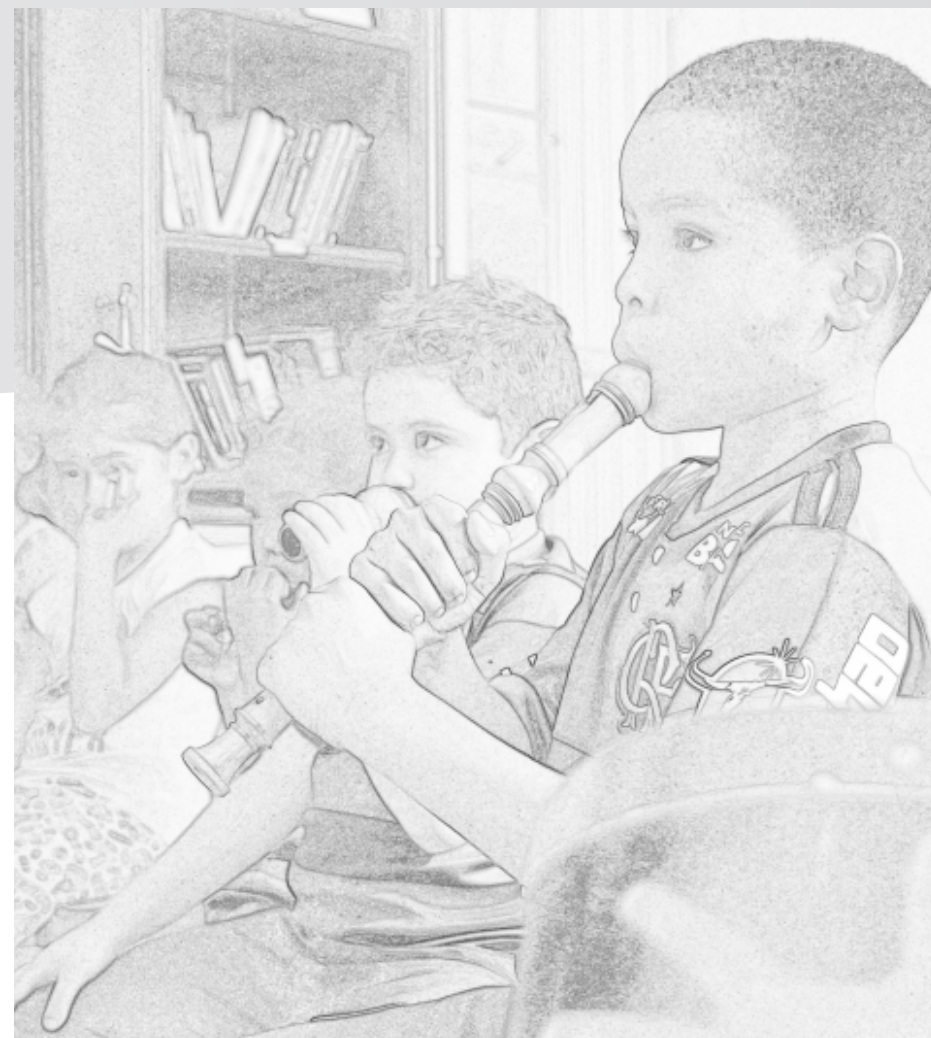
Nosso objetivo é sintetizar as experiências do movimento Sinergia, desde a sua fundação em 2014, com narrativas pessoais dos atores centrais desse processo. A rede sinergia é composta pelas diversas juventudes existentes no Brasil, neste movimento destaca-se dois tipos de juventude: rural e urbana, sendo representadas pelas cinco regiões do nosso país. Nesta arena, o objetivo principal é protagonizar e estimular as lideranças juvenis a mudar a sua

realidade respeitando a identidade de cada um (a).

Tínhamos como desafio inicial promover a interação entre as diferentes juventudes em um espaço, ora físico, ora virtual. Isso me fez acreditar que a demarcação de fronteiras e separação das juventudes, na verdade, é um ponto de encontro e animação desses jovens.

Realizado a introdução necessária, o livreto apresentará uma sequência de cartas dos jovens participantes do Sinergia. O nosso objetivo é retratar fielmente os textos, sonhos e as vozes dos (as) nossos (as) jovens rurais e urbanos, cumprindo nosso objetivo central: sensibilizar, inspirar e compartilhar.

É preciso agradecer cada pessoa, organização e entidade go-



vernamental que participou na construção e consolidação desse movimento. Ainda, é preciso fazer uma menção honrosa ao casal Marc Vogelaers e Josee Vogelaers pela valiosa colaboração histórica no fortalecimento da sucessão familiar e juventudes do Brasil, estendendo a todos e todas que de alguma forma colaboraram durante o processo de cooperação.

Espero que durante a leitura você possa experimentar um pouco da ansiedade, medo, insegurança, esperança, sonhos e tudo o que a nossa juventude precisa dizer. Desejo uma ótima leitura!

# SUCESSÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR, A ÚNICA SAÍDA E SOLUÇÃO

Marc Vogelaers

Cheguei início 1982 no Brasil, como missionário leigo e junto com minha esposa Josee. Estava inserido na filosofia da teologia da libertação de Paulo Freire e o compromisso da Igreja com as comunidades eclesiais de base aonde a participação ativa de toda a comunidade para uma sociedade mais justa.

Era o tempo da mudança na sociedade brasileira, fim da ditadura militar, tinha onda forte no Brasil dos movimentos sociais para promover mudanças e mudar. Todo mundo acreditava que as mudanças estavam para acontecer, e lembro que todas as forças sociais eram muito unidas, era muito mais fácil para se juntar contra um inimigo comum que impedia a democracia e uma

nova sociedade mais justa. Era tempo de ir nas ruas, mobilizações em massa, o povo novamente, depois tanto tempo de repressão, tinha coragem de apoiar estas mudanças.

Na igreja católica existia a mesma tendência de positivismo – só pode ter paz si tiver uma justiça, se tiver um papel real de todos os membros desta sociedade. Por isto, contribuimos para que os grupos mais excluídos socialmente conseguiram ter voz e participação verdadeira para alcançar vidas dignas. Se falava em comunidades de base, igreja ecumênica dar um papel mais protagonista para o povo.

No mesmo contexto, esta tendência existia fortemente na sociedade rural e na Agricultura Fami-

liar no Brasil. A agricultura familiar já estava sentindo as dificuldades de sobreviver no contexto econômico que estava mudando muito rápido. Pequenos produtores com pouca terra sentiam muito dificuldade para sobreviver, as ondas migratórias para outras regiões estavam indo em pleno vapor, buscando novas fronteiras e alternativas para sobreviver.

Neste contexto, dedicamos nossos esforços nos anos 80 na organização dos agricultores familiares. Minha esposa estava trabalhando na organização das mulheres através dos grupos de mulheres – teologia feminina para que as mulheres assumissem um papel mais ativa dentro dos grupos sociais como sindicatos, associações e cooperativas. Nós ajudávamos na organização de grupos de produtores familiares primeiro na região de Nova Tebas/PR e mais tarde como primeiro coordenador de pastoral rural na diocese de Guarapuava. Era o tempo de assessorar os acampamentos de sem terra na região, ajudar nas eleições de sindicatos para que líderes mais comprometidos assumissem este desafio na defesa dos direitos do agricultor (a) familiar.

Outro desafio era criar novas alternativas no campo econômico para este grupo, buscando vantagens de escala, sistemas de comercialização, acesso ao crédito e capital, acesso a assistência técnica e etc., era importante que este agricultor familiar assumisse a organi-



zação liderado por ele/elas. Primeiro era através de associações, já que o sistema cooperativo era monopolizado pela Organização das Cooperativas do Brasil – OCB e as grandes cooperativas e que não era possível criar cooperativas. Se buscou soluções com experiências de fundo rotativos, rede de lojas comunitárias, e outras alternativas, até que o tempo chegou de fazer o passo de criar um sistema de cooperativa próprias dos agricultores familiares que era a UNICAFES.

A consciência de um sistema de cooperativista, como a UNICAFES, iniciou através da organização



das cooperativas de Crédito Solidário: CRESOL, que era o instrumento mais fácil de organizar e mobilizar os produtores familiares. Inicialmente no Paraná (sudoeste e centro Oeste), mas depois espalhando para outros estados no Brasil, o sistema Cresol dava a base para que as outras formas de cooperativismo dentro da Agricultura Familiar fossem criadas dentro de um sistema nacional, a UNICAFES.

Aí chegamos no papel dos jovens e a sucessão familiar. Investimos desde o início na criação de entidades próprias controladas por os agricultores familiares e dirigidos por seus líderes, seja o desafio eco-

nômico, social, ambiental – e elementos para criar uma sociedade mais justa, estas entidades só vão funcionar em uma forma integral e justa se todos os atores dentro da Agricultura Familiar fazem parte e são considerados.

As entidades só funcionam bem se forem dirigidas por líderes comprometidos e se todos que fazem parte desta Agricultura Familiar tem um papel ativo, se trata das mulheres, jovens, grupos menos favorecidos. Uma agricultura familiar para sobreviver tem que ser inclusiva, inovadora para enfrentar os desafios sociais e econômicos que enfrenta. Por isto é fundamental que todos es-

tas entidades organizam os jovens, dão oportunidades que eles podem crescer como novos líderes, se todos não assumirem esta direção para organizar e incluir os jovens, mas tarde ou mais cedo, vão entrar em colapso.

Todos os esforços que o Trias e seus parceiros têm dado no Brasil, através das sinergias, é para organizar os jovens, dar voz e participação real, motivá-los para acreditar em um futuro na agricultura familiar, são pequenas inspirações que esperamos das entidades de Agricultura Familiar para investir na juventude e criar uma nova geração de líderes que vão continuar dar vida e energia

na Agricultura Familiar no Brasil. Mas é claro, este desafio é mundial. Enfrentamos há várias décadas este problema de sucessão familiar da agricultura na Europa e enxergamos a mesma problemática nos outros países da América Latina ou Ásia. O preocupante que estes processos na agricultura vão em uma velocidade de trem de bala, uma razão a mais para continuar nossos investimentos na juventude.

Vivemos tempos difíceis no contexto político brasileiro, mas justamente acredito que devemos ser firmes que investir na Agricultura Familiar e o papel dos jovens como base de novas mudanças.



# ROMULLO DANTAS



Olá, moro em Matriz de Camaragibe em alagoas cidade que como muitas da região nordeste de alagoas sofre com um dos piores IDH do nosso país, tenho 28 anos, sou filho de assentado da reforma agrária e também agricultor, técnico em Agropecuária e administrador de empresas com especialização em agronegócios, estou presidente da Coopaq e Diretor Secretário da UNICAFES – AL e membro da Secretaria de Juventude Nacional de UNICAFES.

Sobre minha infância aprendi cedo que todo trabalho dignifica o homem, no campo com meu pai e meu avo seja ordenhando vacas nos horários que não estava estudando, sim sobre isso queria relatar, como é difícil estudar e as estradas no inverno se tornam um grande desafio, aos 14 anos prestei processo seletivo aprovado entrei na escola agrotécnica federal de Satuba lá tive contato com o cooperativismo algo muito novo na minha mente, mais

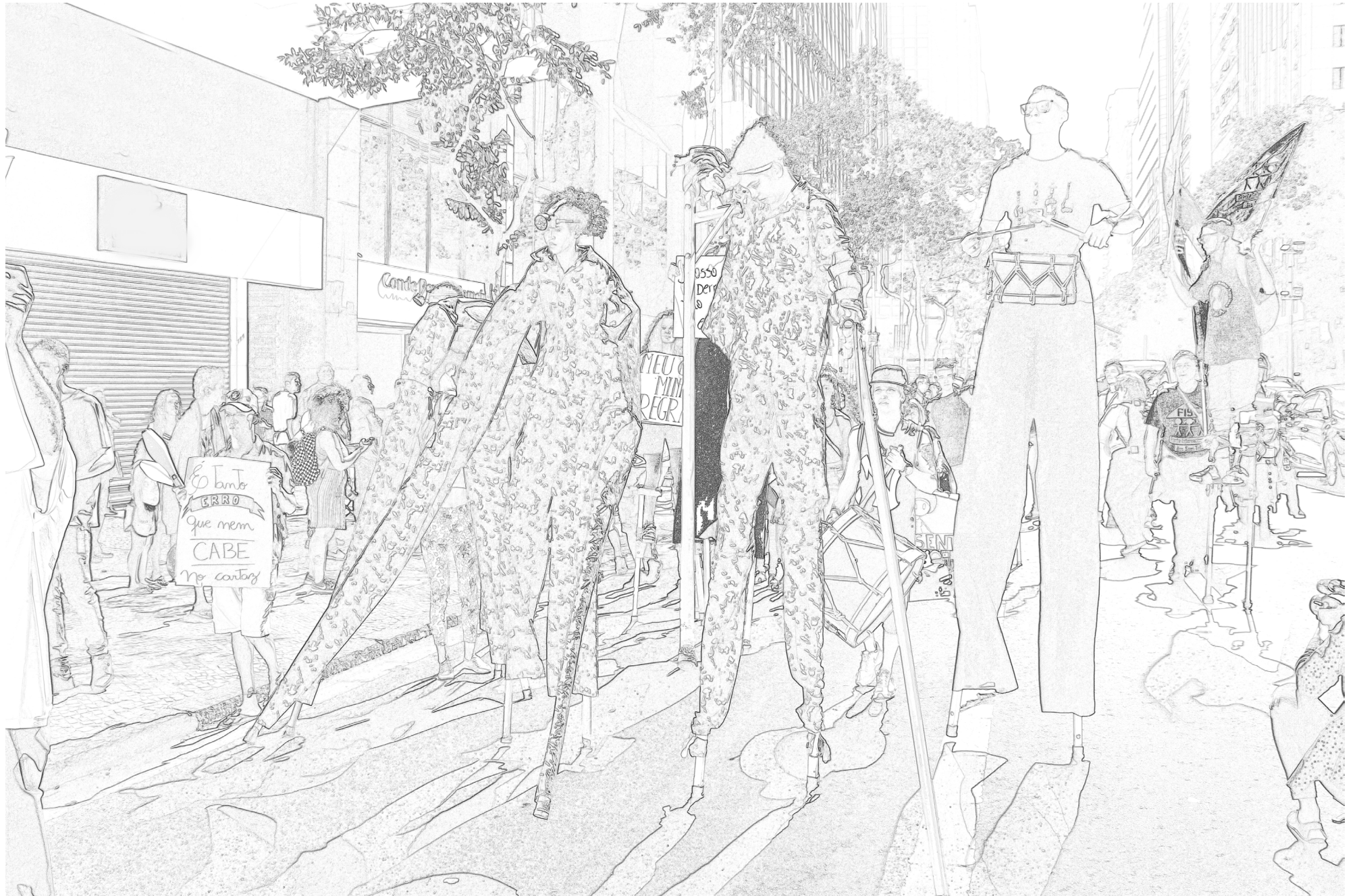
fato é que em 2011 quando estava estávamos com muita colheita e um preço muito baixo, propomos a outros agricultores de estarmos juntos construindo uma cooperativa com o objetivo de acessar novos mercados hoje a Cooperativa dos Agricultores Qualificados – COOPAQ está entre as 10 maiores Cooperativas de Alagoas.

Realizar a inclusão das pessoas através do cooperativismo é muito gratificante, ao mesmo tempo amo muito tudo que faço, é desafiador se relacionar com pessoas, imagine ter 89 sócios sendo mais de 240 famílias que dependem de resultados concretos em suas vidas a cada dia.

Acredito que podemos fazer uma revolução através de pequenos trabalhos que quando participamos de trabalhos como o sinergia 2018 se animamos por saber que tem muitas pessoas que também estão procurando somar para uma sociedade mais justa e igualitária.

## **Pra você, SINERGIA 2018.**

Clareou, o dia chegou  
Agora meu verso vou escrever  
Pra falar pra você  
Algo muito familiar  
Falar sobre agricultura familiar  
Sim porque meu avo sempre falou  
Que a cooperação faz a união  
Nunca disfarçou sua paixão pelo campo  
No entanto seu filho o sertão deixou  
Indo pra o Assentamento na região norte de Alagoas  
Lá dentro de um assentamento seu neto foi criado  
Ele se chama Romullo, este ao qual escreve pra você  
Que não foi fácil criar nem tão pouco o povo acreditar  
Num tal do cooperativismo carecendo de todos um altruísmo  
Mais é preciso sonhar e também acreditar  
Assim formar um grupo qualificado  
Sendo assim nasceu a cooperativa dos agricultores qualificados  
Já com 28 em 2018,  
Igor me ligou um povo se interessou  
Em alagoas conhecer  
E com muito prazer sinergia conheci  
Lá eu vi jovens de todos os cantos  
De todos os sotaques realmente muitos craques  
Inspirar foi um dos temas que a sinergia revelou  
Com muito amor, Jorge também gravou em breve sairá na TV  
Pra você vê que jovens protagonistas o nosso país tem  
e com esses jovens muita vontade de fazer e também de crescer  
só falta você  
Meu Brasil apoiar essa juventude que muitos sonhos tem a realizar





# SUENY DOS SANTOS NOGUEIRA

Sou Sueny, tenho 27 anos moro em Queimados município da baixada fluminense do RJ, sempre vivi aqui, aos 11 anos conheci um projeto social do qual fiz parte 13 anos da minha vida e através desse espaço conheci outros movimentos e organizações que lutam pela defesa dos direitos da sociedade. Acabei de concluir a universidade, cursei serviço social e estou bem feliz porque sei a dificuldade que passei para conseguir ingressar no curso superior, entrei através do FIES, e espero conseguir entrar em uma pós graduação ou até mesmo em um mestrado. Se me perguntassem sobre o que eu gostaria de fazer da minha vida há alguns anos atrás, provavelmente a Universidade não faria parte dos meus planos já que todas as minhas primeiras tentativas foram frustradas sempre foi algo fora da minha realidade.

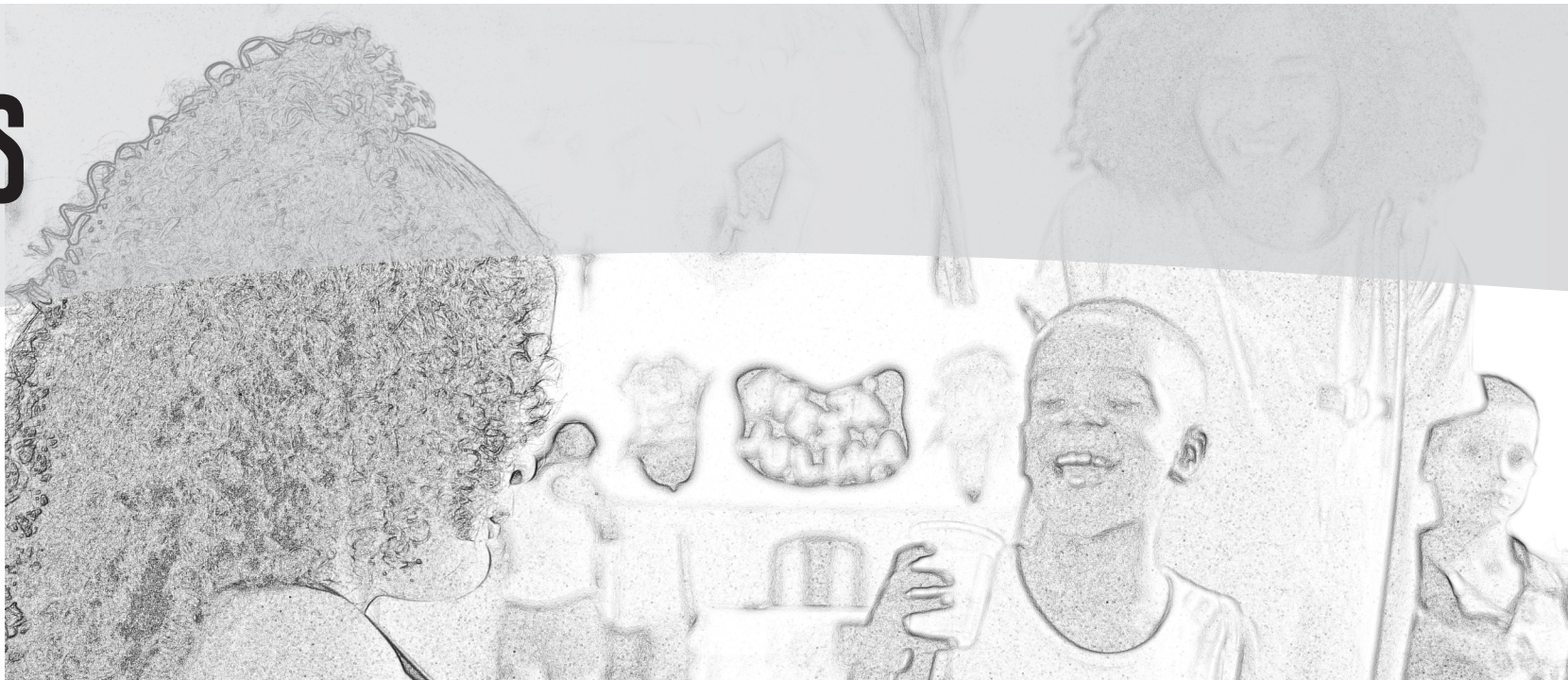
Durante os anos que vivi no projeto social no meu bairro Vila Ca-

morim, eu aprendi a arte do circo do qual me orgulho muito, e quero praticar lá pelo resto da minha vida, assim junto a minha segunda profissão Assistente Social, todos esses anos eu achei que seria sempre artista, o que é ótimo, mas eu me sinto muito bem em ter feito faculdade foi uma experiência incrível, eu gosto de onde eu vivo, no entanto, fica muito longe do centro do RJ e algumas atividades que eu gostaria de fazer não tem ou não chega aqui, além disso existe um número maior de propostas de empregos no centro, assim como alguns cursos de graduação e pós graduação.

Uma das coisas que me fez refletir sobre minha trajetória até aqui é para aonde eu quero ir a par-

tir de agora, o que farei da minha vida, eu adoraria ficar, mas confesso que se aparecer uma proposta de emprego boa para me dar uma vida melhor, como ter por exemplo um plano de saúde e condições para comprar uma casa própria, eu irei com toda certeza. O que tem me assustado ultimamente é o aumento das violências, em uma pesquisa produzida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta Queimados, na Baixada Fluminense, como o município mais violento do país, é o que garante o Atlas da Violência 2018. Segundo o estudo, a cidade tem taxa de 134,9 mortes violentas para cada 100 mil habitantes.

É algo assustador e sabemos que a o Estado do RJ também vivencia diversas violências diárias, dessa forma é muito difícil viver e conviver com o medo de sair de casa e não saber se vamos retornar, é mais complicado ainda para nós jovens negras e negros que estamos nos tornando os maiores alvos dessa violência, eu espero que um dia as políticas públicas como a saúde e educação sejam prioridade em nosso país e que os investimentos cheguem até nossos territórios e que a perspectiva da juventude seja permanecer em seus lugares de origem, nesse momento o que posso fazer é continuar lutando para que esse quadro mude e que possamos viver sem ter nossos direitos violados.





# RÚTHIL DE ALMEIDA ARAÚJO

Vila Carneiro, Conceição do Coité, Bahia, Brasil. Esse é meu lugar de origem. Sou uma jovem de 23 anos, venho do interior do sertão baiano, de uma família de agricultores pobres, ou seja, que plantam e colhem o suficiente para consumo pessoal, sem nenhum intuito financeiro.

Aqui, como todo lugar deste país, que tem suas raízes fincadas no campo, e que ainda tem nele, os meios para sobreviver, é tido com o lugar de gente atrasada, incivilizada e preguiçosa. Seria impossível que os estereótipos não existissem, afinal, diante da história deste país, na qual tem suas raízes na colonização e na escravidão, desenvolvida nas bases do preconceito racial e da misógina, e num estado onde a população negra é a maior, não seria diferente.

Mas, para além dos estereótipos, que também carregamos nas costas, nossa terra é linda, rica e cheia de gente que carrega calos nas mãos, do trabalho no campo. A ca-

atinga é a vegetação predominante de meu lugar, ficamos na região semiárida do Brasil, lugar onde chove pouco, têm secas rigorosas e calor escaldante. Aqui, nem tudo que se planta "dá". Nosso maior bem é o Sisal, uma planta de origem mexicana que é a base da economia da minha região.

Como em vários lugares do Brasil, onde o monopólio da terra e dos bens de produção é concentrado nas mãos de quem já tem muito, existem exploração e riqueza concentrada. Mas como se diz por aqui, o Sisal é o nosso "ouro verde", é o que trás esperança para aqueles só tem esse meio de tirar seu sustento. Ainda lidamos com a baixa escolaridade das pessoas que são mão-de-obra ativa do trabalho no campo. Pessoas que, em maioria, vem de uma tradição familiar, que vê no trabalho o melhor meio de educar os filhos, uma "tradição" que na verdade é uma necessidade, que obriga as crianças desde cedo a enfrentarem o trabalho pesado na roça. Isso ainda acontece hoje, na minha geração, foram poucos os casos daqueles e aquelas que não seguiram os mesmos passos dos pais, mães, avôs e avós.

Apesar de sermos um país de base agrícola, de estar em um estado que vende suas belas paisagens para o turismo, nacional e

internacional, as disparidades e desigualdades são muito fortes, a dicotomia campo e cidade ainda impera, e ao mesmo passo que essa tradição rural está fincada, ela não é vista pela juventude como opção para sua vida futura.

Aqui, como em outros lugares estados, principalmente das regiões que historicamente sempre "forneceram" a mão de obra para o restante do país - que sempre venceu o êxodo rural, as pessoas deixando o campo, para buscar um a "vida melhor", na "cidade grande", iniciou uma tradição de não ver mais no campo, o lugar que se possa desenvolver financeiramente e educacionalmente. Apesar da aparente contradição, essa é uma mentalidade criada, pela pós-modernidade, mas, "arcaica".

Hoje já dispomos de universidades de boa qualidade, dispomos de transporte que nos liga ao interior, como a cidade, mas infelizmente as estruturas que com o passar do tempo foram sendo repensadas, acabaram criando não só um sertão difícil de viver, mas um Sertão, também, marginalizado e inferiorizado.

Eu fui a primeira de minha família a ingressar em uma Universidade, meu curso foi feito em minha cidade, hoje tenho uma licenciatura, mas não exerço o papel de professora. Neste país, também, há uma

tradição de desvalorização da educação, nós professores não temos tantas oportunidades de exercer nossa função, e exerce-la de maneira digna.

Afinal, nossa estrutura social e política é falida, cobramos progresso, ordem e civilidade, mas vivemos num país atrasado em suas leis, nas suas formas de pensar campo e cidade, mulher e homem, educação e trabalho, branco e negro, rico e pobre. Muitas e muitos jovens como eu, têm sonhos.

Sonhos que por vezes são podados, pelos percalços que encontramos durante o trajeto, ou por simplesmente está e viver num país no qual eu descrevi. Para o futuro, eu espero muito, apesar do presente ser bem mais incerto. Um futuro onde as oportunidades sejam iguais para todos, onde ser do campo ou da roça não seja usado como termo pejorativo, onde mulheres e homens sejam respeitados de maneira igual, que negros não morram pela cor da sua pele, que as oportunidades de desenvolvimento estejam presentes tanto no campo e como na cidade.

Como disse, eu espero muito, e querer muito não é ambição, é querer o que é nosso por direito e o que nos foi e nos é tirado diariamente, por essa estrutura. É por isso que quero ficar, que queremos ficar, porque é um direito nosso.



# NATANNE AZEVEDO DE LIMA

Meu nome é Natanne, tenho 22 anos e moro no município de Volta Redonda interior do estado do Rio de Janeiro, minha cidade é conhecida como a cidade do aço e não tem muitos projetos sociais, mas sempre fui apaixonada com o social e comecei a me envolver e interessar com a defesa da criança e do adolescente desde muito nova aos 13 anos já estava representando o meu município em Conferências e na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro como parlamentar juvenil no qual tive um projeto de lei aprovado.

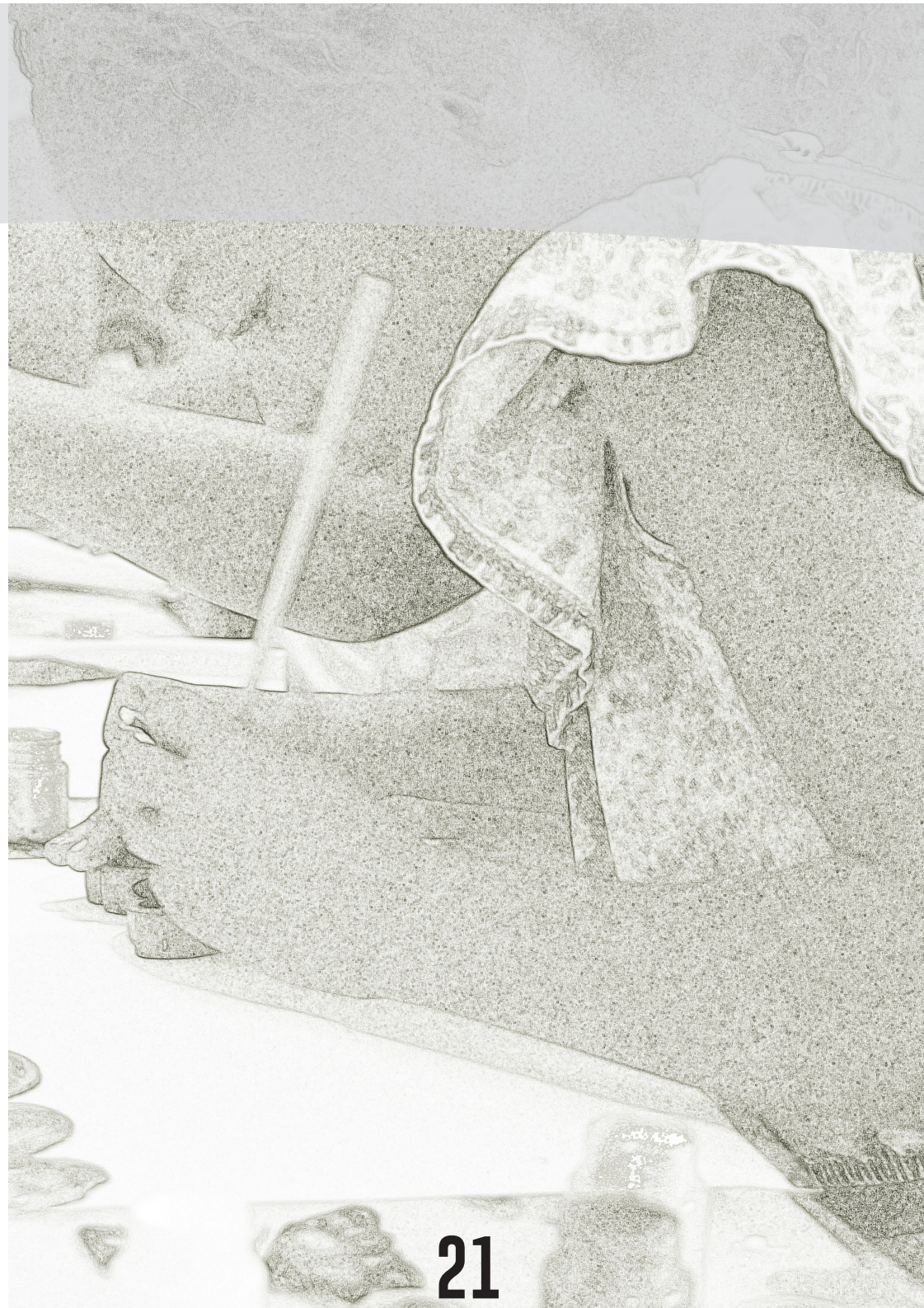
Através dessas participações fui conhecendo mais movimentos e projetos sociais no Rio de Janeiro e isso me afastando cada vez, mas da minha cidade natal. Quando terminei o Ensino Médio vi que o que eu queria fazer era Serviço Social, iniciei a faculdade duas vezes mas como era particular não pude continuar e como a minha cidade não é voltada para a área social não tem o curso na federal e por isso hoje estou saindo daqui e tentando a minha vida no Rio de Janeiro fazendo vestibular e procurando emprego no Rio de Janeiro tive a oportunidade de fazer

parte do Youca Brasil um dos projetos mas belos que já participei, pude conhecer a PAMEN CHEIFA uma ong que mudou a minha vida e quem eu sou.

Eu amo minha terra, meu município, aqui a vida é mais tranquila a segurança e saúde são melhores do que na capital, mas hoje não posso mais ficar por falta de oportunidades na profissão que eu escolhi e no campo que eu quero atuar.

E se perguntarem qual o meu sonho hoje é concluir a minha faculdade e ter um emprego que me sustente. Saio hoje de uma cidade de 257.803 habitantes para uma de 6.520.266 habitantes a mudança é enorme, mas a vontade de me tornar o que eu sempre sonhei é maior ainda.

É muito bom quando agente faz o que ama e quando isso envolve ajudar o próximo é mais gratificante ainda, eu sei que tenho muito a contribuir com a sociedade e tenho a consciência que não estou abandonando a minha cidade mas sim que eu vou melhorar quem eu sou para melhorar meu lugar de origem.





# GEYSIELE CORDEIRO PEREIRA



Meu nome é Geysiele Cordeiro Pereira, sou filha única, tenho 19 anos nasci dia 06/03/1999 na cidade de Cacoal, moro em uma cidade chamada ministro Andrezza do estado de Rondônia, sou uma pessoa apaixonada pela vida no campo, amo a vida que levo com minha família devido desde criança está na lida com a família no campo tendo grandes aprendizados com meus pais de poder acordas cedo para tirar leite porque o maior lucro do sitio e o leite eu sempre quis ter aquele aprendizado maior em tirar leite.

Então resolvi aprender não só a tira o leite mas sim aquela vida

que um adulto faz porque eu sempre via meus pais ali mexendo e sempre fui criando aquele amor e fui tendo a certeza que era aquilo que eu queria, de um período pra meus pai que se chama Ademir Pereira ele começou a trabalha na cidade dai pra eu e minha mãe Eliete Cordeiro Pereira tomamos a frente das atividade no sitio devido o tempo do meu pai, logo após meu pai se torno presidente do sindicato dos trabalhadores rurais que lá ele fico no cargo durante 2 mandato de presidente durante esse tempo a vida no campo seria levada mais por mim do que pela minha mãe porque ela não sabe tirar leite mas

de resto ela ajuda no ano de 2016 aonde eu e meu pai criamos a ideia de fazer sistemas rotacionado para vacas leiteiras aonde times que fazer alguns investimentos para a propriedade porque aqui agente não meche com outra coisa além do leite, que hoje e um dos maiores produto lucrativo para os produtores do estados de Rondônia.

Após esses investimentos que tivemos, a ideia de ter sistemas de ordenhas para a produção de leite ser de boa qualidade. Hoje faço uma faculdade de técnico em Agropecuária para ter mais investimentos lucrativos pra minha família futuramente e ter vários conhecimentos

diferente, porque a base de tudo hoje é o conhecimento, tenho vários pensamento pra por em pratica futuramente pra minha família.

Tive vontade de sair do sitio mas pensei bem e vejo que a vida no campo e muito ótima além de que eu tenho meus pais pra cuidar no futuro e aonde quero aprofunda mais em outra faculdade pra mim pro em pratica tudo aquilo que sempre tive sonho de criança, e realizar o sonho dos meus pais aonde a vontade deles e que eu sempre permaneça na zona rural e minha vontade e nunca sair dessa vida que levo e que sou apaixonada na vida do campo.





# GELSON HENRIQUE

Sou Gelson Henrique, tenho 19 anos, sou de Campo Grande, que é uma periferia que fica na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sou estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Sou defensor dos direitos humanos e nessa área que atuo profissionalmente.

Sou ativista dos direitos humanos desde os meus 16 anos, quando comecei a estagiar na Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro. Na qual comecei a participar de encontros com adolescentes do estado todo para debater políticas públicas, encontro esse que era promovido pelo Conselho Estadual do Direito das Crianças e Adolescentes do Rio de Janeiro (CEDCA).

Por conta de tais debates comecei a mergulhar no mundo da militância e debater/elaborar políticas públicas, em 2015 comecei a fazer parte do Conselho da Juventude

do Município do Rio de Janeiro no qual foram eleitos 100 jovens para pensar o Rio de Janeiro daqui à 50 anos.

Em 2016 fui eleito delegado para etapa nacional da conferência dos direitos das crianças e adolescentes em Brasília, fiquei representando os jovens do estado do RJ para à de Direitos Humanos também. Logo após tal participação, por defender a pauta que crianças, adolescentes e jovens precisam estar nos espaços deliberativos, fui convidado para ir à Bélgica dar um circuito de palestras sobre diversidade e protagonismo nas escolas de Ensino Médio, junto com mais 11 jovens do RJ.

Como consequência de tal experiência decidimos criar o YOUNG BRASIL, onde jovens falam sobre protagonismo e promovem debates e ações em variados temas que tenham o jovem como foco.

Em 2017 ajudei a criar o Na



Pista TV, TV online feita por jovens que passaram pelo sistema socio-educativo e jovens que moram em favelas e periferias no Rio de Janeiro. Com o intuito de gerar renda e criar oportunidades para os mesmos. Projeto que no início de 2018 virou uma produtora de audiovisual com o mesmo intuito.

Em Campo Grande onde moro, faz com que eu entre em diversos debates inclusive direito à cidade, pois como é periferia a forma se locomover e circular a cida-

de é complicado, pois ônibus e os trens acabam. Com isso dificulta o acesso aos locais centrais, onde normalmente existem mais lugares que promovem lazer/cultura que atraiam os jovens.

Quando existem esses espaços nas periferias normalmente não são muito seguros para esses jovens, nas periferias e favelas da cidade do Rio de Janeiro são onde mais ocorrem as violações de direitos. Esses são uns dos motivos por qual eu sairia de Campo Grande.

# BETHÂNIA NIURA

Meu nome é Bethânia Niura de Jesus Lemos, nasci no dia 11/08/2000, sou filha de Nailton da Silva Lemos e Eliana de Jesus Lima Lemos e tenho uma irmã mais nova Sofia de Lima Lemos. Nós moramos no distrito de Maniratuba, município de Luziânia, Goiás.

Estudo na Escola Família Agrícola de Orizona (EFAORI), na qual faço o terceiro ano do ensino médio e também do curso técnico em agropecuária. A escola fica a 50km de Maniratuba, em outro município (Orizona/GO). Estudarr em uma escola família e agropecuária é se prepara para voltarr para casa e fazerr a diferença.

A escola prega a pedagogia da alternância, então 5 dias fico em internato na escola e 9 dias na minha propriedade. Nesse período que fico na instituição de ensino aprendo a teoria e a pratica das áreas técnica, e quando volto para casa coloco em pratica tudo aquilo que aprendi na escola, além das atividades de re-

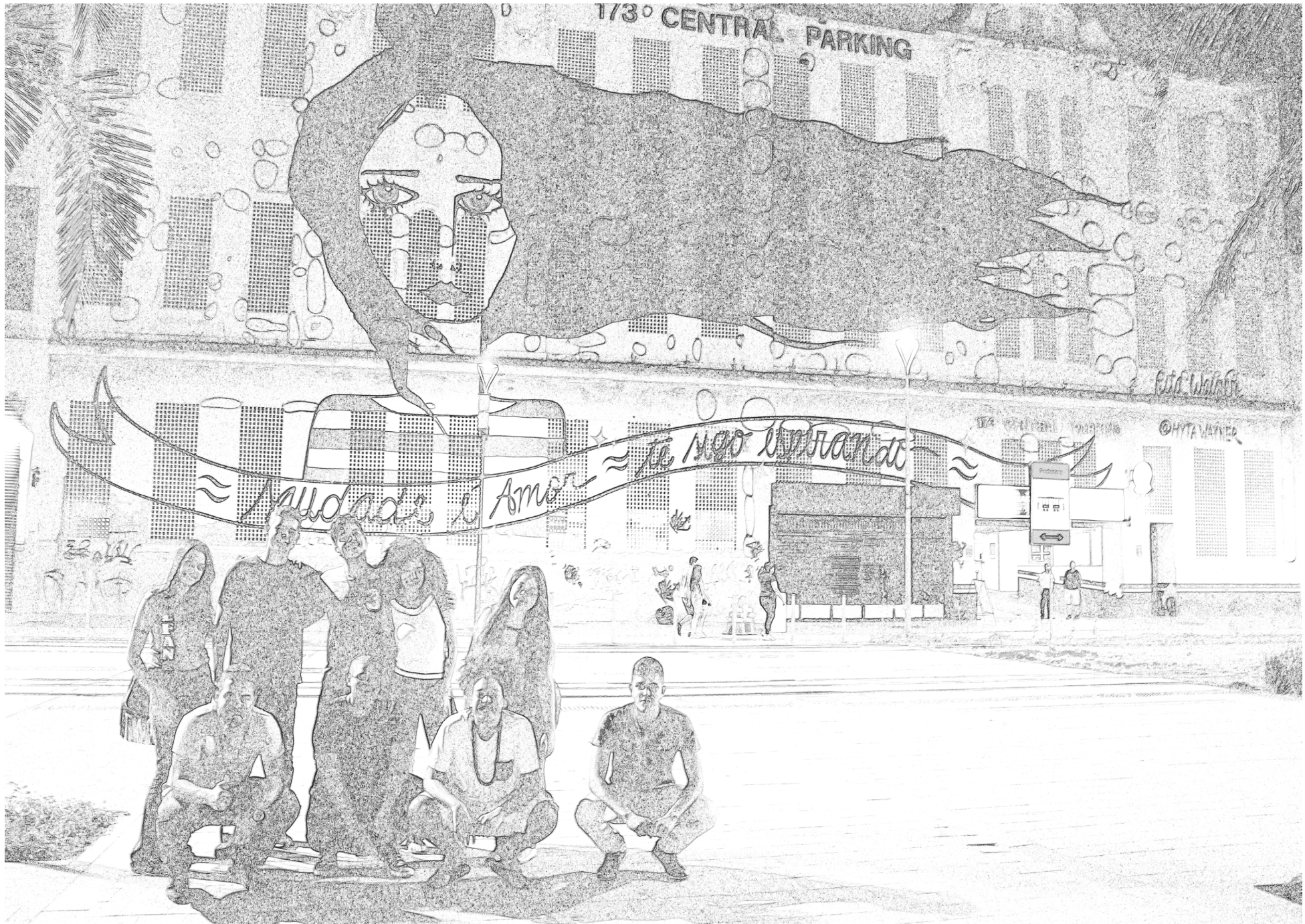
torno ao meio das matéria do ensino médio. Nos quais o meus professores fica sendo minha família e o lecionadores da EFAORI.

Portanto, tenho duas famílias, a de sangue e a da escola, e tenho uma grande afinidade com ambas. A EFA nós ensina a crescer para a vida profissionalmente, intelectualmente e pessoalmente (particularmente).

Pretendo fazerr um curso superior, e para isso terei que deixarr a zuna rural, pois ainda não tem faculdades no campo. Conseqüentemente, quando terminarr meus estudo irei voltarr para meu povoado e para meu povo, onde pretendo trabalharr, me casarr, ter uma fazenda e uma família feliz.

Quería que tivesse outra maneira de estudarr sem terr que me deslocarr para a cidade, mais ainda não existe. Os dois rr não é porque escrevi errado, queria demonstrar o sotaque do goiano, que é puxar o R quando fala.





# JOVEM SONHADOR

Jorge Soares

Sou um jovem sonhador, muita coisa a conquistar  
Prazer, me chamo Jorge  
Sobre Jardim Gramacho quero falar  
Um bairro marcado pela pobreza, carregado de luta e suor  
De uma gente brava e guerreira, que mesmo com pouco na mesa  
Partilhava na certeza, de viver um dia melhor.

Veio caminhão, lixo, lixão  
Soterram nossa praia, poluíram nosso ar  
Conhecemos o chorume, cheiro forte e bem ruim  
No nosso mangue a despejar

Muita gente veio de longe, para no lixão tentar sobreviver  
A miséria só crescia, mas ninguém parecia ver  
Ou se importar  
Eu alheio a tudo isso, cresci em uma família próspera e feliz  
Tão perto e tão longe de uma realidade dura.  
Sem maquiagem, nem candura

Na igreja comecei a luta, pelos direitos da juventude  
Vi a verdadeira face de um bairro, que nem de longe parecia meu  
Fórum, protestos, manifestações, denúncia  
Nada parecia mudar  
Até que 3 de junho de 2012 chegou  
As portas do despejo se fecharam  
Um sonho muito antigo, que em pesadelo transformaram.

Os catadores ficaram ao relento, sem plano de moradia ou profissão  
Até que deram uma indenização, mas sem nenhuma preparação  
A pobreza foi aumentando.  
Falta água, luz, esgoto.  
Parecia não haver limites, para o descaso com o nosso povo.

Até que o impensável aconteceu  
O lixo voltou  
Áreas de transbordo  
Lixão Clandestino  
Manguezal poluído  
Será esse o nosso cruel destino?

“Não sabendo que era impossível, eu fui”  
Fiz faculdade, viajei pro mundo, me formei.  
Cineasta, jornalista, produtor, editor  
Alguns títulos eu alcancei  
No Jardim Gramacho já não mais habito  
Mas ele ainda vive em mim  
Sigo na luta, perseverante  
Crendo sempre em um final feliz.

# AFONSO SANTOS



Tenho 25 anos, nasci na pequena cidade norte-mineira de Bocaiuva, no dia cinco de agosto do ano de 1993, para uns sou Afonso Santos Oliveira, para outros sou o Menino do Mel, como carinhosamente sou chamado por alguns amigos e, principalmente, por aqueles que estão no dia a dia das atividades apícolas. Sou o mais novo de quatro irmãos, filhos de Sebastião Afonso dos Santos Oliveira e de Ma-

ria Lucineia Santos Oliveira.

Venho de uma família simples e de baixa renda, que tira o seu sustento da lida diária da agricultura familiar. Até os meus 10 anos de idade morei com meus irmãos mais velhos na área urbana de Bocaiuva, mas meus pais optaram a me levar para morar com eles na zona rural para fazer companhia, na cidade eu estava ficando só pois meus irmãos mais velhos tinham que trabalhar. A

partir daí comecei a residir no assentamento chamado P.A Betinho (Comunidade Riachinho) no distrito de Engenheiro Dolabela.

Por muito tempo morei no assentamento e me deslocava para o distrito de Engenheiro Dolabela para estudar. Ao retornar para casa, ajudava meus pais com as plantações de cana de açúcar, na lavoura de milho e na fabricação de rapadura e farinha de mandioca, que era o nosso único meio de sustento.

Após fazer 17 anos e completar o Ensino Médio, retornei para Bocaiuva em busca de emprego com carteira assinada para colaborar com o meu sustento e o de minha família. Meu primeiro trabalho foi em um supermercado, onde desenvolvia funções como repositor de mercadorias e atendente de caixa. Sempre tive a expectativa de crescimento e pensando na carga horária que me impossibilitava de continuar a estudar, resolvi sair e procurar uma nova oportunidade.

Meu segundo trabalho foi em uma oficina mecânica, onde comecei como auxiliar de escritório e vi a oportunidade em minhas mãos de retomar os estudos. Comecei então o curso técnico em eletromecânica, concluindo-o em dezembro de 2014, com muita alegria e festa, tanto de minha parte, como por parte dos meus familiares.

Trabalhava diretamente com pessoas, um dia fui convidado a participar de um grupo de jovens da Igreja que frequento chamado UNI-

JOSC. Em um dos encontros do grupo tive a oportunidade de conhecer meu padrinho e atual sócio, Júlio Cesar. Durante uma conversa, Júlio me chamou para ir até seu apiário para ajudá-lo no manejo das suas colmeias. Mesmo sem conhecer nada sobre apicultura, aceitei seu convite, pois sempre gostei de desfrutar de novas experiências, além de prezar por aventuras.

A minha primeira experiência com abelhas foi incrível, fiquei muito empolgado com a atividade do meu padrinho, que vendo meu entusiasmo decidiu me doar três colmeias para que eu iniciasse meu próprio apiário. Com alegria, levei as três colmeias para a roça dos meus pais para iniciar minha própria produção.

A partir de então minha vida começou a mudar. Comecei a viver de perto a apicultura, realizando, com a ajuda do meu padrinho, os manejos corretos para multiplicação das minhas próprias colmeias. Com o passar do tempo e com muito trabalho árduo, enxerguei na apicultura uma forma de me tornar um empreendedor, trabalhando por conta própria e obtendo maior renda.

Há três anos eu saí do trabalho formal e retornei ao campo, onde encontrei total apoio dos meus pais para a minha nova atividade, a apicultura. Para minha mãe, Maria Lucineia e para meu pai, Sebastião Afonso, esta foi uma grande satisfação, o retorno do filho caçula, assim como era antes de me mudar para a

cidade. Vencemos a partir daí a distância e a saudade, que era grande. Hoje trabalho com meu próprio negócio e com alegria digo: sou apicultor! Atualmente possuo um total de 150 colmeias, que é de onde retiro a minha renda financeira. Como empreendedor, pretendo ampliar bastante este número, pois acredito que ainda posso crescer mais. Como não preciso mais sair do campo para garantir minha subsistência, voltei para a sala de aula, dessa vez faço o curso de Técnico Agropecuário, que me possibilita aprimorar meus conhecimentos no manejo com a apicultura e em técnicas para o trabalho no campo.

Além de cuidar das abelhas e de estudar, ainda disponho-me a ser diretor administrativo e coordenador do grupo de jovens associados de uma cooperativa de mel, recém criada, mas com um grande potencial, a Cooperativa de Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas (COOPEMAPI) e sou vice-presidente da Associação de Apicultores de Bocaiuva (APIBOC).

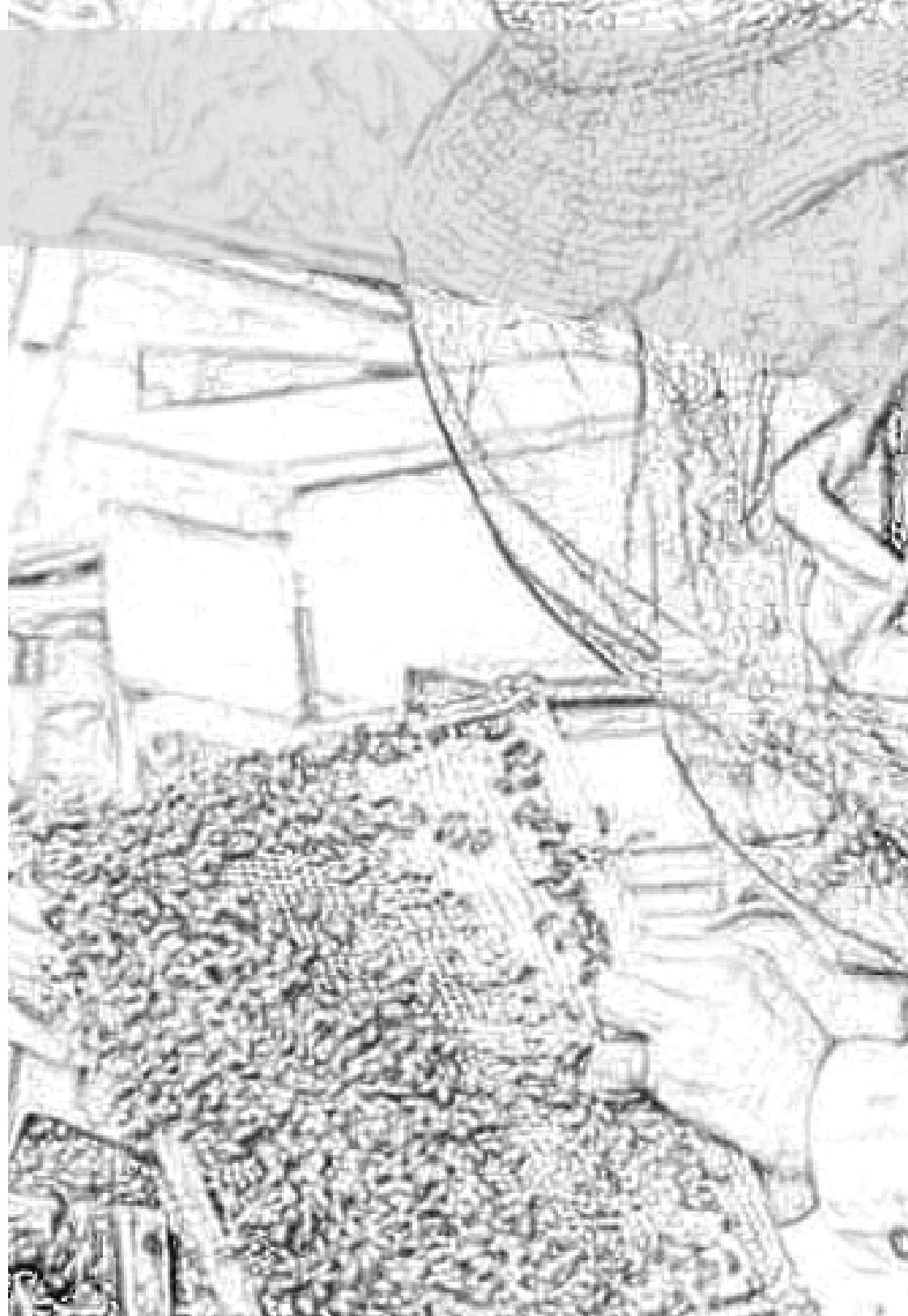
Também estou como secretário de juventude da UNICAFES MG, onde pude conhecer de perto o cooperativismo solidário e desen-

volver projetos sociais. Buscamos mais oportunidades para que jovens tenham como permanecer no campo e dele ter fonte de renda própria.

Como todo jovem sonhador vindo da roça, sempre tive sonhos como, por exemplo: viajar de avião, conhecer outros estados e muitos outros, que graças a Deus com a apicultura deixaram de ser apenas sonhos e tornaram-se realidade. Tudo isso também só foi possível graças a muito trabalho e dedicação, que me trouxeram resultados positivos.

Não há como voltar para trás e deixar de me apaixonar pelas ABE-LHAS, e agora pretendo aprimorar meus estudos na área. Finalizando meu curso técnico em agropecuária, vou fazer o ENEM em busca de uma vaga na faculdade para me especializar em apicultura, aprimorar mais meus conhecimentos e ser um futuro professor especializado, para proporcionar um futuro digno a meus pais, pois pretendo estar junto deles em todas as atividades desenvolvida na nossa pequena propriedade.

Os sonhos?! Eles continuam, pois só com sonhos movimentamos a vida, buscamos novos horizontes e, conseqüentemente, nos transformamos.



# MARIANA SERENA

Nascida numa cidade do noroeste de Minas, a querida Unai, lugar onde passei partes de minha infância morando com meus avós. Meu nome é Serena, sou uma jovem cheia de vida, sonhos e objetivos que desejo alcançar. Atualmente curso o último ano do ensino médio integrado ao curso Técnico em Agropecuária na instituição de ensino Escola Família Agrícola de Natalândia-EFAN.

Meu avô sempre trabalhou na zona rural como empregado, cuidava de lavouras, e eu mesmo pequena sempre que possível o acompanhava, minha avó cuidava de casa e das crianças, e não éramos poucas. Quando já mais grandinha minha mãe se casou novamente e passei a morar com ela, nesse tempo moramos em alguns lugares como, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, conheci várias coisas e foi aí que tive contato com a agricultura familiar, nossa renda vinha dela, criávamos,

plantávamos e vendíamos na cidade em feiras e comércios.

Aos quatorze anos voltei a morar com meus avós, meu objetivo era conseguir melhores condições de vida e estudo. Nesse tempo que morei com meus pais, meu avô acampou num acampamento de reforma agrária enquanto minha avó fazia salgados e vendia para conseguir manter a família, uma vez que meu avô estando acampado só conseguia fazer algumas diárias o que não eram suficiente para manter a família, com muita garra e luta conseguiram um lote, hoje localizado no P.A. Florestan Fernandes município de Unai-Mg, então conheci o que pra mim seria tudo aquilo que precisava no momento, a EFAN, o que mais à frente me levou a conhecer também a Unicafes.

A EFAN é uma escola no campo e do campo de ensino contextualizado de acordo com a realidade vivida, constitui um projeto de educação de valorização do campo, cultura e dignidade da vida do jovem rural, retrata e aplica valores humanos e dá base de formação de cidadãos dignos. Uma entidade que assim como a Unicafes, valoriza a agricultura familiar dá oportunidade e capacitação ao jovem do campo para que possam alcançar seus objetivos, entidades as quais defendo com orgulho e paixão pelos serviços



prestados e oportunidades que me foram concedidas.

Vinda de família humilde campezina e raízes da reforma agrária, sempre fui apaixonada pelo campo. Criada com dificuldades, irmã mais velha e filha de mãe de cinco filhos, outrora por meus avós que além de criar seus dez filhos ainda criaram netos, fui obrigada a amadurecer cedo, aprendi ser independente, lutar por meus objetivos e dar valor a cada gota de suor daqueles que me criaram.

Me encontro agora com 17 anos de idade e meu principal ob-

jetivo hoje é concluir meu curso, dessa forma conseguindo me formar como Técnica em Agropecuária, auxiliar minha família e em seguida estruturar minha vida profissional.

Tenho sonhos, ser independente faz parte deles, ingressar no ensino superior e buscar me capacitar cada dia mais, poder contribuir com meu meio de vivencia, com minha família e acima de tudo ser um ser humano melhor a cada dia, seguir com minha humildade e essência, cuidar e valorizar o próximo, quero ser feliz e fazer parte da felicidade de outras pessoas.

# **INSPIRAR**

**SENSIBILIZAR E COMPARTILHAR**

**A CONSTRUÇÃO DE SINERGIAS NAS JUVENTUDES BRASILEIRA**





